

USO INDISCRIMINADO DE ANALGÉSICOS NÃO OPIÓIDES POR IDOSOS

Ana Luisa de Melo Xavier¹
Débora Thais Batista Gomes²
Raíssa Barbosa de Oliveira Bandeira³
Lindomar de Farias Belém⁴

RESUMO

A Organização Mundial de Saúde considera que mais de 50% dos medicamentos são prescritos ou dispensados de forma inadequada e que 50% dos pacientes utilizam medicamentos de maneira incorreta levando a alto índice de morbimortalidade. O consumo de analgésicos por automedicação costuma ocupar um lugar de destaque entre os idosos, considerando que o seu consumo está relacionado ao tratamento da dor e inflamação, e sintomas comuns. O objetivo deste estudo foi analisar o uso indiscriminado de analgésicos não opióides por idosos. Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica. Foram utilizados os descritores encontrados no Descritores em Ciências da Saúde: “Analgésico” AND “idosos” OR/AND “Tratamento farmacológico” AND “Automedicação”. A pesquisa foi realizada no período de 05 de outubro à 28 de outubro de 2020. As buscas foram realizadas em bases de dados, como SCIELO, Medline, PubMed, Biblioteca Virtual de Saúde, portal de periódicos da CAPES. Nos artigos selecionados para pesquisa foi observado o uso indiscriminados de analgésicos não opióides por idosos, o que acaba gerando um preocupação já que os idosos são em grande parte polimedicados, outro ponto que foi observado foi que a automedicação foi justificada devido à dificuldade ao acesso a consultas especializadas, e acabavam resolvendo através da aquisição dos medicamentos sem orientação de profissionais de saúde. A atenção farmacêutica é uma prática voltada à proteção, promoção, recuperação da saúde, apresentando o medicamento, a posologia de forma correta. Diante disso, fica evidente a importância da contribuição do profissional farmacêutico, a fim de garantir o uso racional desses medicamentos.

Palavras-chave: Automedicação, Analgésicos, Idosos, Tratamento farmacológico.

INTRODUÇÃO

O uso de medicamentos é uma ocorrência frequente entre os idosos, embora contribuam para prolongar e melhorar a qualidade de vida, também pode gerar sérios problemas de saúde, principalmente quando seu uso é inadequado, seja pela prescrição, dispensação ou consumo dos medicamentos. (STEFANO *et al.*, 2017 apud CARVALHO, 2012).

¹ Graduanda do Curso de Farmácia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, annaluisamx@gmail.com ;

² Graduanda do Curso de Farmácia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, dbthais91@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Farmácia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, raissabarbosa803@gmail.com;

⁴ Professora Doutora do Departamento de Farmácia da UEPB, Lindomar de Farias Belém ; lindomardefariasbelem@gmail.com

Santos e colaboradores (2013) ressaltam que, o envelhecimento da população é considerado um fenômeno mundial e configura como um dos maiores desafios da saúde pública nos dias atuais, contudo, indicando maior prevalência de doenças crônicas o que faz dos idosos grandes consumidores de serviços de saúde contribuindo com aproximadamente 25,0% do total das vendas de medicamentos em países desenvolvidos.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera que mais de 50% dos medicamentos são prescritos ou dispensados de forma inadequada e que 50% dos pacientes utilizam medicamentos de maneira incorreta levando a alto índice de morbidade e mortalidade (LEITE *et al.*, 2019).

Em decorrência do processo fisiopatológico, frequentes na terceira idade, somando a utilização inadequada dos medicamentos, além do difícil acesso aos serviços de saúde, , dificuldades de memorização de horários, particularidades fisiológicas, dentre outros aspectos, utilizam a automedicação como uma solução para resolver os sintomas desagradáveis. (LEITE *et al.*, 2019 apud ARAÚJO, 2014).

Muitas doenças contribuem para o aparecimento de queixas de dor, estima-se que de 80% a 85% dos indivíduos com mais de 65 anos apresentam, pelo menos, um problema significativo de saúde que os predisponham à dor. A dor, muitas vezes pode ser tratada com meios não farmacológicos, com apoio de uma equipe multidisciplinar, porém, o tratamento com medicamentos analgésicos ou anti-inflamatórios ainda é o mais utilizado (OLIVÊNCIA *et al.*, 2018).

Estudos relatam que o consumo de analgésicos por automedicação costuma ocupar um lugar de destaque entre os idosos, considerando que o seu consumo está relacionado ao tratamento da dor e inflamação entre outros sintomas (SANTOS *et al.*, 2013).

O tratamento da dor de baixa intensidade tipicamente envolve a administração de um analgésico não opióide e/ou anti-inflamatório não esteroide. Para dor de moderada intensidade, indica-se um analgésico associado a um opióide fraco. Para pacientes com dor severa, indica-se opióides fortes. (OLIVÊNCIA *et al.*, 2018).

O desconhecimento dos riscos quanto ao uso de medicamentos de venda livre, que incluem os analgésicos não opióides e suas indicações terapêuticas levam os fármacos desse grupo a serem amplamente utilizados, expondo os usuários a muitos riscos, principalmente os idosos que na grande maioria são polimedicados, estando mais suscetíveis a efeitos adversos e a interações medicamentosas. (BANDEIRA; PAI; OLIVEIRA, 2013 apud LAPORTA *et al.*, 2005).

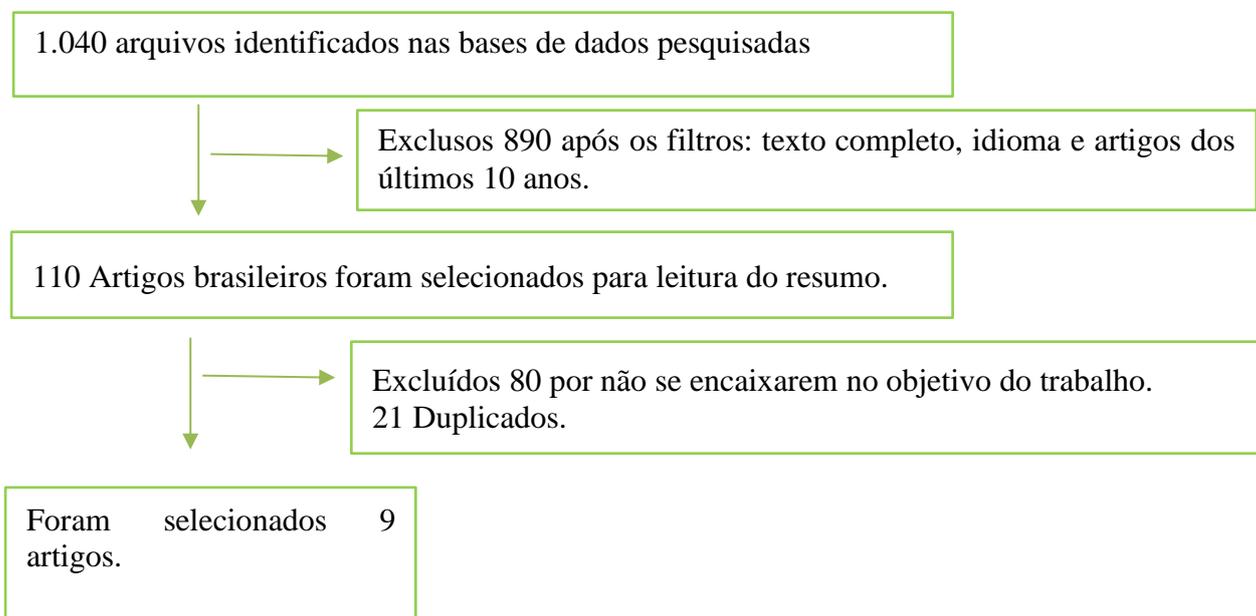
Diante disso, o objetivo do estudo foi analisar através da literatura o uso indiscriminado de analgésicos não opióides por idosos, visto que, a população da terceira idade são os maiores portadores de doenças crônicas e consequentemente são usuários de um alto consumo de medicamentos, que podem acabar comprometendo ou agravar sua saúde e a qualidade de vida.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica sobre o uso indiscriminado de analgésicos não opióides por idosos, com a utilização de publicações acadêmicas e científicas que apresentassem uma análise sobre a temática escolhida, principalmente publicações que demonstrassem maior relevância de acordo com os indicadores buscados. Foram utilizados os descritores encontrados no DeCS (Descritores em Ciências da Saúde): “Analgésico” AND “idosos” OR/AND “Tratamento farmacológico” AND “Automedicação”.

A pesquisa foi realizada no período de 05 de Outubro à 28 de Outubro de 2020. As buscas foram realizadas em bases de dados, onde foram utilizadas as seguintes plataformas: Scientific Electronic Library Online – SCIELO, Medline, PubMed, Biblioteca Virtual de Saúde, portal de periódicos da CAPES e sites de literatura científica referentes ao assunto proposto. Utilizou-se como critérios de inclusão artigos publicados entre 2011 a 2020 escritos em Português, Inglês e Espanhol. E foram excluídos os artigos que não apresentaram relevância, repetidos ou que ao fim da leitura não se encaixasse nos objetivos buscados pela pesquisa e/ou que o período de publicação fosse anterior ao ano 2011.

Figura 1: Fluxograma de seleção de artigos



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os idosos devido às modificações fisiológicas e metabólicas desencadeadas pelo processo de envelhecimento, são os principais usuários de medicamentos de uso contínuo, no entanto alguns ainda recorre à automedicação, esta por sua vez envolve riscos devido estes idosos apresentarem uma redução nas enzimas hepáticas e fluxo sanguíneo, uma diminuição do suco gástrico, um acréscimo de tecido adiposo e uma diminuição da irrigação renal entre outras modificações (SANTELLO et al., 2013; SÁ; BARROS; SÁ, 2007).

A principal classe farmacológica utilizada para o tratamento paliativo das dores são os analgésicos, mas especificamente os AINEs que são extensamente utilizados tanto por prescrições médicas bem como por conta própria do usuário (BATLOUNI, 2010).

A automedicação por analgésicos não opióides se dá ao fato de grande parte dos medicamentos serem considerados MIPs (Medicamentos Isentos de Prescrição), facilitando o acesso desses medicamentos pela população, e fazendo com que estas pessoas usem, muitas vezes, de forma indiscriminada, o que acaba gerando efeitos indesejados (LEITE *et al*, 2019).

Os analgésicos agem através da diminuição da dor (principalmente a inflamatória), isso ocorre devido a diminuição de prostaglandinas que sensibilizam nociceptores PGE₂ e PGI₂ (RANG et al, 2016).

Entre os efeitos adversos podem ser observados, distúrbios gastrintestinais, reações cutâneas, insuficiência renal, problemas cardiovasculares. De maneira geral, a carga de efeitos colaterais indesejáveis é alta, principalmente se for usada por períodos prolongados (RANG et al, 2016; BATLOUNI, 2010).

Foram identificados através dos estudos analisados (quadro 1), uma prevalência da utilização dos analgésico por idosos. A grande preocupação é que a automedicação pode gerar muito mais danos aos idosos, esse alívio temporário pode mascarar um problema de saúde grave (FERNANDES; CEMBRANELLI, 2015).

Quadro 1- Artigos selecionados sobre utilização de analgésicos não opióides em idosos.

Autor (es) e ano	Local do estudo	Características metodológicas	Número de idosos	Principais resultados encontrados
<i>OLIVEIRA et al., 2018</i>	Belo Horizonte (MG)	Estudo transversal descritivo	170 idosos	Observou-se que os analgésicos foram os mais consumidos pelos idosos no presente estudo. Apesar do dipirona e paracetamol serem considerados seguros para idosos, não quer dizer que são isentos de riscos quando for feito o uso irracional.
<i>ELY et al., 2015</i>	Porto Alegre (RS)	Estudo epidemiológico e clínico	758 idosos	O uso de anti-inflamatórios e analgésicos era feito por 218 idosos (28%). Dentre estes, 154 (70,6%) faziam o uso de analgésicos não opióides e 3 (1,4 %) de analgésicos opióides. Observando-se também, que a maioria utilizava esses medicamentos apenas mediante dores leves e moderadas, não sendo comum o uso contínuo.
<i>SANTOS et al., 2013</i>	Goiânia (GO)	Estudo descritivo transversal	934 idosos	O estudo mostrou um valor de 3,63 medicamentos utilizados por idoso, apresentando uma porcentagem de automedicação de 35,7% e polifarmácia entre os idosos de 26,4%,

				mostrando também que os analgésicos foram os medicamentos mais utilizados apresentando uma porcentagem de 30,8%.
SANTE LLO <i>et al.</i> , 2013	Barretos (SP)	Estudo descritivo transversal	122 idosos	As classes de medicamentos mais utilizadas foram os analgésicos/antitérmicos (76,23%).
MOURA; COHN; PINTO, 2012.	Santos (SP)	Estudo qualitativo de natureza exploratória.	95 idosos	Visando conhecer o perfil dos medicamentos mais adquiridos por idosos na região, concluiu-se que dentre os medicamentos sem prescrição médica mais comprados pela classe, estavam os analgésicos/antitérmicos.
PEREIRA <i>et al.</i> , 2018.	Recife (PE)	Estudo quantitativo, exploratório e descritivo.	74 idosos	A prática da automedicação foi comum para n= 57 (77%) com analgésicos e antitérmicos.
AUDI <i>et al.</i> , 2019.	Londrina (PR)	Estudo transversal (com uso de dados do Estudo Saúde, Bem-Estar e Envelhecimento (SABE))	978 idosos	Da amostra geral n= 262 (22,3%) relataram a utilização de analgésicos para o controle da dor, 303 idosos (30,98%) relataram dor crônica. Onde, 46,0% dos idosos referiram dor de frequência diária, com intensidade forte a moderada (40,0%) e de longa duração (62,3%).

NETO <i>et al.</i> , 2012.	Juiz de Fora	Estudo exploratório transversal	299 idosos	181 dos idosos entrevistados fazem uso de analgésicos (76,69%), por conta própria.
SANTOS <i>et al.</i> , 2018.	São Paulo (SP)	Estudo transversal, descritivo e analítico	138 idosos	59,4% se automedicaram, 31,9% utilizavam analgésicos, 13,8% utilizavam relaxantes musculares, 13,0% utilizavam antiinflamatórios e 7,2% utilizavam anti-histamínicos.

Outro ponto importante destacado pelos idosos no decorrer dos artigos foi que acabavam recorrendo à automedicação devido às dificuldades financeiras para pagar consultas com especialistas, além da dificuldade para marcar consultas através do Sistema Único de Saúde (SUS), como encontram uma facilidade no acesso aos medicamentos nas drogarias, acabavam resolvendo o problema de saúde de forma mais “rápida”.

O farmacêutico é o responsável pela orientação desses medicamentos, apesar de serem considerados MIPs e apresentarem relativa segurança farmacológica, não quer dizer que seja isento de efeitos adversos e reações alérgicas (BORTOLON; KARNIKOWSKI; ASSIS, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso indiscriminado de analgésicos, ou ainda a automedicação coloca em risco a saúde do paciente em especial a população idosa, que na maioria das vezes são polimedicados, podendo aumentar os riscos relacionados aos medicamentos, retardar o diagnóstico adequado e mascarar uma doença.

A atenção farmacêutica é uma prática voltada à proteção, promoção, recuperação da saúde, apresentando o medicamento, a posologia de forma correta. Diante disso, fica evidente a importância da contribuição do profissional farmacêutico, a fim de garantir o uso racional desses medicamentos, bem como diminuir os custos para o paciente, reduzir as complicações decorrentes de seu consumo e proporcionando uma melhor qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

AUDI, Eduardo Godoi *et al.* Estudo SABE: Fatores associados ao uso de medicamentos para controle da dor crônica em idosos. **Sci Med**. Londrina- PR, v. 29, n. 4. 2019

BANDEIRA, V.A.C.; PAI, C.T.D.; OLIVEIRA, K.R. Uso de anti-inflamatórios não esteroides por idosos atendidos em uma Unidade de Estratégia de Saúde da Família do município de Ijuí (RS). **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 10, n. 2, 17 dez. 2013.

BATLOUNI, Michel. Anti-Inflamatórios Não Esteroides: Efeitos Cardiovasculares, Cérebro Vasculares e Renais. **Arq Bras Cardiol** , v. 94, n.4 , pág. 556-563, 2010.

BORTOLON, Paula Chagas; KARNIKOWSKI, Margô Gomes de Oliveira; Mônica; ASSIS, Automedicação versus indicação farmacêutica: o profissional de farmácia na atenção primária à saúde do idoso . **Revista APS**, v.10, n.2, p. 200-209, jul./dez 2007.

ELY, Luísa Scheer *et al.* Uso de anti-inflamatórios e analgésicos por uma população de idosos atendida na estratégia saúde da família. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, pág. 475-485, setembro de 2015.

FERNANDES, Wendel Simões; CEMBRANELLI Julio César. Automedicação e o uso irracional de medicamentos: o papel do profissional farmacêutico no combate a essas práticas. **Revista Univap**. São José dos Campos-SP, v. 21, n. 37, jul. 2015.

LEITE, Janaina Hergesel dos Santos *et al.* Anti-inflamatórios não esteroidais: a prática da automedicação por idosos. **Revista Saúde em Foco**, v. 10, n. 2, 2019.

MOURA, Beatriz Vieira; COHN, Amélia; PINTO, Rosa Maria Ferreiro. Farmácia: a porta de entrada para o acesso a medicamentos para idosos residentes em Santos. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v.21, n.2, pág. 399-409, 2012.

NETO, José Antonio Chehuen *et al.* Uso de medicamentos por idosos de Juiz de Fora: um olhar sobre a polifarmácia. **HU Revista**, Juiz de Fora, v. 37, n. 3, p. 305-313, jul./set. 2012.

OLIVENCIA, Salomão Antônio et al . Tratamento farmacológico da dor crônica não oncológica em idosos: Revisão integrativa. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro , v. 21, n. 3, p. 372-381, June 2018

OLIVEIRA, Samanta Bárbara Vieira et al. Perfil de medicamentos utilizados por automedicação por idosos atendidos em centro de referência. **Einstein (São Paulo)**. v. 16, n.4, pág. 1-7, .2018.

PEREIRA *et al.* Automedicação em idosos ativos. **Rev enferm. UFPE on line**, Recife, v.11, n. 12, pág. 4919-4928, dezembro de 2017.

RANG, H.P. et al. Farmacologia. Editora Elsevier, 8ª edição, 2016.

SÁ, Mirivaldo Barros; BARROS, José Augusto Cabral; SÁ, Michel Pompeu Barros de Oliveira. Automedicação em idosos na cidade de Salgueiro-PE. **Rev Bras Epidemiol** .v.10 , n.1, pág. 75-85, 2007.

SANTOS, Adriana Nancy Medeiros dos et al. Automedicação em participantes de uma Universidade Aberta à Terceira Idade e fatores associados. **Rev. bras. geriatr. gerontol.** , Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, pág. 419-427, agosto de 2018.

SANTOS, Thalyta Renata Araújo et al. Consumo de medicamentos por idosos, Goiânia, Brasil. **Rev. Saúde Pública**. São Paulo, v. 4, n. 1, pág. 94-103, fevereiro de 2013.

SANTELLLO, Fabricia Helena et al. Perfil da automedicação em idosos no Município de Barretos/ São Paulo/ Brasil. **Infarma Ciências Farmacêuticas**. v. 25, n.1, pág. 32-36, 2013

SECOLI, Silvia Regina et al. Tendência da prática de automedicação entre idosos brasileiros entre 2006 e 2010: Estudo SABE. **Rev. bras. epidemiol.** São Paulo, v. 21, supl. 2, fevereiro de 2019.

STEFANO, Isabel Cristina Aparecida et al. Uso de medicamentos por idosos: análise da prescrição, dispensação e uso em um município de médio porte do interior do estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, pág. 679-690, outubro de 2017.